

O PATRIMÔNIO CULTURAL SOB AS LENTES DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA - COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO NO VALE DO TAQUARI/RS

Neli Galarce Machado¹ e Sérgio Nunes Lopes²

RESUMO: Os casarões do período da colonização portuguesa e as casas dos primeiros imigrantes do século XIX, principalmente italianos e alemães, são representações do cotidiano de cada um desses grupos que legaram, através do seu modo de vida, muitos dos fatores determinantes na configuração social atual dessa região. Através das pesquisas arqueológicas essas estruturas adquirem o status de documento. A presente produção enfoca por esse viés o Patrimônio Histórico e Cultural regional.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Histórico. Arqueologia Histórica. Preservação.

THE CULTURAL HERITAGE UNDER THE LENSES OF HISTORICAL ARCHAEOLOGY - SETTLEMENT AND IMMIGRATION IN THE TAQUARI VALLEY /RS

ABSTRACT: The large houses of the period of Portuguese colonization and the first immigrant houses of the XIX century, mainly Italians and Germans, are representations of the daily life of each one of these groups who bequeathed, through their lifestyles, many determinative factors in the current social configuration of this region. Through archaeological researches, these structures acquire documental status. The current production focuses on this bias the Historical Heritage and the Regional Culture.

KEY WORDS: Historical Heritage. Historical Archaeology. Preservation.

PESQUISANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL A PARTIR DA ARQUEOLOGIA

Apesar de iniciativas particulares isoladas no que se refere à preservação patrimonial no Vale do Taquari/RS, muito há que se fazer sob o ponto de vista concreto, para que a potencialidade desse patrimônio seja explorada a contento.

¹ Coordenadora do Setor de Arqueologia do Museu de Ciências Naturais da UNIVATES, doutora em Arqueologia Brasileira pelo MAE/USP, professora e membro do Colegiado do Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES/Lajeado.

² Bolsista de Iniciação Científica, graduando do curso de História da UNIVATES.

A Arqueologia Histórica, por meio do seu suporte metodológico, pode colaborar nesse sentido.

A partir de uma perspectiva arqueológica, a análise dos objetos encontrados e das estruturas arquitetônicas podem evidenciar modos de vida específicos de cada família ou comunidade. Tudo isso é para a Arqueologia Cultura Material.

Do ponto de vista acadêmico, alguns passos significativos já foram dados rumo à concretização da potencialidade patrimonial da região. A partir das atividades desenvolvidas pelo Museu de Ciências Naturais do Centro Universitário UNIVATES e das pesquisas arqueológicas, iniciadas concomitantemente com a instituição do curso de História e de Turismo no referido educandário, os primeiros frutos começam a se embrionarem.

Verifica-se, no entanto, a necessidade do entendimento de que o Patrimônio Cultural não pertence a um indivíduo em particular, mas a toda a sociedade. Uma vez esclarecidas essas questões, as potencialidades, tanto educacionais quanto turísticas, concretizar-se-ão permitindo que as informações sejam âncoras para o conhecimento que liberta indo muito além dos muros das universidades e justificando socialmente a sua existência.

O conhecimento do passado referencia a construção do futuro de cada região, instituição ou indivíduo. Pesquisar o Patrimônio Histórico do Vale do Taquari, seja ele histórico ou pré-histórico, é uma forma de firmar o caráter comunitário do Centro Universitário UNIVATES, como instituição acadêmica comprometida com as questões regionais. O comprometimento com projetos dessa natureza, no entanto, extrapola os limites institucionais e estatais, ou pelo menos deveria extrapolá-los. No caso específico do projeto em questão, o suporte dado pela (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS), é indispensável.

Além das razões institucionais anteriormente mencionadas, esse tipo de abordagem vem suprir lacunas existentes em relação ao conhecimento do passado da região, cujas condições geográficas favorecem a ocupação humana, ainda pouco estudada. A pesquisa arqueológica é realizada em benefício da comunidade, aproximando a Instituição da mesma, conjugando-a numa proposta de valorização e preservação do Patrimônio Histórico e Arqueológico. Todo esse trabalho transcorre a partir da concepção de que o patrimônio *é mais que um testemunho do passado, o patrimônio é um retrato do presente, um registro de possibilidades políticas dos diversos grupos sociais, expressas na apropriação de parte da herança cultural.* (RODRIGUES, 1996). Consciente desse status que o Patrimônio possui, a comunidade tende a se apropriar dele de maneira fecunda, tanto no que se refere ao conhecimento difundido por meio da educação formal

ou informal como do turismo, que pode ir além da mera exploração econômica e atuar como difusor da cultura regional.

A partir dos estudos até então desenvolvidos cabe considerar, então, as potencialidades turísticas tomando como exemplo situações semelhantes em outras regiões do Estado e do País. Refletir, no entanto, sobre as outras regiões só se torna válido se a proposta não for calcada no pragmatismo do transplante de modelos mercadológicos. A partir do exposto, não sem dificuldades, historiadores, arqueólogos, arquitetos e turismólogos devem buscar os fatores comuns que os congregam em torno do Patrimônio sob pena de nem um nem outro alcançar êxito em seus empreendimentos. Um trabalho que congregue a visão pluridisciplinar desses profissionais diminuirá a probabilidade de repetição de erros cometidos em outros contextos por motivos que vão desde emaranhados políticos até posicionamentos intransigentes oriundos de visões de intelectuais dogmáticas e do egocentrismo que permeia o fazer científico em algumas ocasiões. As relações tempo-espaciais, possibilitadas pela história, os traços culturais específicos revelados pela cultura material e as evoluções técnicas espontâneas ou pré-determinadas emanadas da arquitetura possibilitarão ao produto turístico ultrapassar a unilateralidade econômica acentuando no agente dessa área a potencialidade comunicativa da preservação. Alguns autores vislumbram aproximação frutuosa nesse sentido:

O Turismo através do estudo da cultura pode se promover não só como atividade capitalista, que desequilibra os ambientes, e sim; sendo uma atividade também capitalista, mas que conserve e preserve os ambientes (nossos patrimônios) (VARELA, 2003).

Essa possibilidade é real no caso do Vale do Taquari, onde algumas estruturas arquitetônicas estão razoavelmente preservadas. Outro fator a contar pontos, nesse sentido, no contexto local, é a generosidade natural, no que se refere à paisagem e a outros elementos naturais que colaboram acentuando a vocação regional para o turismo pouco percebida pelos setores públicos. Ainda no quesito potencial estrutural para a difusão do turismo, está a universidade que conta com profissionais capacitados na área do turismo, história, arquitetura e disciplinas afins, cuja chancela por meio de consultorias pode minorar as chances de erros nesse empreendimento.

Sendo o turismo desenvolvido a partir do Patrimônio Cultural, além da atenção do setor público e do engajamento das comunidades, a solidariedade acadêmica em prol dessa causa é indispensável. Essa interação deve transpor os limites de cada área, seja encarando o Patrimônio como produto turístico, seja concebendo-o como ponto de partida para a educação, especialmente quando se trata da história regional. Em Varela, (2003), percebemos que essa

preocupação é universal, quando se trata de conjugar algumas áreas do conhecimento em prol da difusão do Patrimônio de determinada região.

Assim temos a educação como recurso e o turismo como um produto. Mostrando desde então que a capacidade e aptidões específicas do homem não se transmitem por herança biológica, mas que se formam durante a vida, no processo de apropriação da cultura criada pelas gerações anteriores (VARELA, 2003).

A preocupação última, tanto da educação quanto do turismo, deve aproximar o cidadão do que é seu por direito, o Patrimônio Cultural. Essa aproximação pode remetê-lo a conexões ilimitadas, dando-lhe autonomia para se desvencilhar dos enredos ideológicos que permeiam as relações sociais.

A partir do amadurecimento e da identificação de cada cidadão com tudo o que pode evocar a sua cultura, podem-se ambicionar investimentos mais significativos. A experiência do desenvolvimento turístico em Ouro Preto ilustra como no início a sociedade civil "patrocinou" a expansão das atividades turísticas, credenciando-se a investimentos estatais:

Os 'currais' eram fazendas que serviam, principalmente, para pernoite dos viajantes e descanso para os animais. Na ocasião, as pessoas ficavam hospedadas normalmente na sede da fazenda, não pagando pelo pouso, e sim pela permanência dos animais no curral; fato explicado pelo lucro obtido pela venda do feno. Chamavam-se hotéis tipo estalagem, "estalações" que eram casas familiares, mas destinavam-se também a hospedar pessoas. (SILVA, 2004).

O Estado tem participação determinante no sucesso ou não dos empreendimentos tanto educacionais quanto do ponto de vista turístico. As políticas públicas determinam tanto a acessibilidade quanto o fomento a projetos nessa área. Todas as estratégias do profissional imbuído do trabalho com o Patrimônio, portanto, estão diretamente relacionadas à gestão do Estado, enquanto órgão oficial de "representação da vontade do povo". Alguns autores refletem sobre essa temática:

É claro que a presença do Estado na Cultura e Gestão do Patrimônio Cultural deve ser da forma mais democrática possível, isto é, sabendo lidar com a diversidade, porque, como afirma Zarankin (2002), 'a cultura material é carente de significados por ela mesma, e só adquire uma dimensão ativa dentro de um sistema cultural determinado' (p.15). Estar em situação determinada não anula a capacidade dialética que deve existir nos objetivos do Patrimônio Cultural. (FOGOLARI, 2005, p. 24).

No Vale do Taquari as políticas públicas nessa área são escassas. São raros os municípios que possuem museus ou arquivos públicos sistematizados. Mesmo aqueles que dispõem de algum espaço nesse sentido não investem o quanto poderiam. Talvez por esse motivo, parte significativa do Patrimônio Cultural local esteja sendo carcomida por traças em armários particulares ou nos porões insalubres das prefeituras, alheios aos profissionais competentes para o seu manuseio, capazes de estabelecer as conexões entre o cidadão contemporâneo e o seu passado.

Apesar da potencialidade e da beleza plástica das estruturas arquitetônicas, a cultura turística, seja do ponto de vista econômico ou cultural, ainda não desabrochou. O governo federal, assim como outros órgãos de fomento à cultura, disponibiliza recursos que, por falta de interesse, não são aproveitados pelo poder público local. Tais recursos poderiam custear despesas como consultorias, produção de subsídios e divulgação dos sítios turísticos locais. Esses sítios, ainda não explorados, abrangem desde características geomorfológicas locais, passando pelas casas dos primeiros imigrantes de cada uma das microrregiões, assim como pelas casas que tiveram importância estratégica em cada comunidade, como os moinhos, as casas comerciais e os salões de baile.

Para desenvolver trabalhos de valorização do Patrimônio Histórico e arqueológico, é necessário que a instituição conheça o que existe, nesse sentido, nos municípios, a fim de estudá-lo e preservá-lo, não apenas para mera contemplação, mas para aproveitá-lo como testemunho da história que resiste aos tempos. Essa possibilidade é colocada em relevo pela metodologia adotada, uma vez que a Arqueologia estuda, diretamente, *a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico*. (FUNARI, 1988). Esses testemunhos, que nasceram como residências, casas comerciais e acampamentos de grupos pré-históricos e horticultores indígenas, possuem valor documental, são fontes de estudo inéditas, esperando para serem exploradas. Pois *valorização econômica de regiões com monumentos arqueológicos, o desenvolvimento do turismo popular e a participação da população local nas escavações e restaurações são práticas comuns em diversos países...* (FUNARI, 1988).

Por outro lado, apesar da definição ampla de patrimônio utilizada para embasar esse trabalho, o levantamento em questão é delimitado pela possibilidade de abordagem pelos métodos correntes em Arqueologia. Dessa forma, a abordagem patrimonial se torna viável desde sítios arqueológicos pré-históricos a mais específicas em Arqueologia Histórica, com foco no período, que, convencionalmente, chamamos histórico. Embora pareça uma abordagem reduzida, patrimonialmente falando, levantar-se-ão dados, desde casas de

moradia, comércio, salões de bailes, tafonas, moinhos e demais estruturas que remetam à memória das comunidades locais.

Uma vez levantados os dados acerca do patrimônio local, cabe àqueles que se encontram aí representados dinamizar as informações para que elas se transformem em conhecimento. Nesse sentido, as disciplinas de Patrimônio Turístico Cultural do curso de Turismo e as muitas disciplinas do curso de História são meios pelos quais esse conhecimento flui. Daí é possível se depreender que a apreensão não se restringe exclusivamente aos meios formais. Assim como as estruturas e os objetos, as pessoas, cujos atos são princípio e fim desse estudo, qualificam e legitimam o esforço intelectual tanto discente quanto docente.

A já mencionada necessidade de recuperar as informações arqueológicas e históricas, sobretudo referentes aos tempos mais remotos da atividade humana na região, acentua o papel da universidade enquanto instituição pólo gerador de conhecimento, revertendo os resultados desta pesquisa em benefícios coletivos, pois as

[...] exploração e valorização dos territórios nacionais, implicam também, num relacionamento particular entre a Arqueologia, a sociedade e os grupos no poder. Trata-se, em geral, da incorporação de monumentos e objetos numa prática de valorização e transformação econômica da paisagem (FUNARI, 1988).

A partir dessa premissa o trabalho avança no sentido de conciliar a "pragmaticidade" econômica característica do tempo em que vivemos com a preocupação de preservar referenciais de tempos idos como forma de fortalecimento da cultura regional.

A PESQUISA NO VALE DO TAQUARI/RS

A coleta de informações e os registros fotográficos se efetivam nas saídas de campo. A abordagem, especificamente no caso das estruturas arquitetônicas históricas, se dá a partir de ficha elaborada em laboratório na qual se registram as principais características arquitetônicas da construção. Esses registros permitem a um observador atento e fiel à metodologia caracterizar a forma particular com que cada grupo lançou mão dos recursos naturais em cada região do Vale do Taquari.

Foram realizadas atividades de campo nos municípios de Arroio do Meio, Bom Retiro do Sul, Colinas, Doutor Ricardo, Estrela, Roca Sales e Travesseiro. Na região de planície, no que se refere aos aspectos históricos, apenas Bom Retiro do Sul teve abordagem de uma estrutura anterior ao século XIX. Trata-se da sede da antiga Fazenda Pedreira, na localidade de mesmo nome.

No século XIX, essas terras pertenciam ao carioca Manuel dos Reis Louzada, primeiro Barão de Guaíba. A fazenda Pedreira era a “sede administrativa” das fazendas que Louzada possuía na região. Esse, contudo, é apenas um dos documentos materiais a se revestirem de inestimável importância para a história da região e cuja valorização por parte de alguns segmentos da sociedade não acontece por ignorância ou por falta de vontade política. Os dados documentais dessa estrutura ainda não foram completamente levantados, no entanto, as características do material construtivo, conjugado ao que já se pode apurar, em termos históricos do período colonial do Brasil, dão conta de que se trata de uma construção do século XVIII.

FIGURA 1 – Ruínas da Fazenda Pedreira em Bom Retiro do Sul



Fonte: Laboratório de Arqueologia

Além dessas informações específicas sobre a estrutura, levantam-se dados históricos, a partir da conversa com os proprietários e da consulta a publicações regionais feitas à margem da academia. O ambiente no qual a estrutura se insere recebe igual descrição. Os registros fotográficos são anexados às referidas fichas e constam desse levantamento

patrimonial. Apesar de aparentemente simples, o registro dessas estruturas e de seus anexos e entornos, são ponto de partida para elucubrações mais profundas a respeito da ocupação, especialmente do período histórico da região. Nesse sentido, os objetos encontrados nesses lugares adquirem status de Cultura Material, permitindo, a partir da decifração de seus signos, a leitura do cotidiano tanto dos colonizadores portugueses e seus escravos quanto dos imigrantes italianos e alemães do século XIX.

Na literatura histórica regional é corrente o entendimento de que o Vale do Taquari, a partir da segunda metade do século XIX, foi ocupado por duas levadas de imigrantes europeus. A região das Planícies foi tomada por migrantes de origem alemã ou mesmo por imigrantes vindos de além mar. Na região mais alta, caracterizada geomorfologicamente como Serra Geral, o mesmo processo se verificou em relação aos migrantes e imigrantes da etnia italiana. As estruturas arquitetônicas que passamos a apresentar são representações dos traços culturais específicos de cada um desses grupos humanos recentes dos quais descendemos ou com os quais nos relacionamos.

Na região da planície, as casas de moradia desse período apresentam reminiscências do estilo enxaimel germânico, cuja característica mais evidente é a mescla, na parede, de madeira e alvenaria. Essa característica está presente na maioria das casas pesquisadas que serviam prioritariamente como moradias. Na presente pesquisa, foram abordadas 16 casas na região da planície com a especificação de finalidade acima descrita. Dentre essas, as que foram construídas anteriormente à década de 1930 apresentavam a característica arquitetônica antes referida.

FIGURA 2 – Detalhes em casas com características oriundas do estilo enxaimel germânico



Fonte: Laboratório de Arqueologia

A presença de cisternas para o acondicionamento das águas das chuvas também ocorre com relativa frequência nas casas da planície. Essa é uma particularidade das casas, cuja arquitetura, apresenta maior elaboração, com materiais construtivos de valor monetário maior.

FIGURAS 3 e 4 – À esquerda na frente da estrutura, à direita o detalhe da calha que coleta a água do telhado até a cisterna. Rui Barbosa – Arroio do Meio - RS



Fonte: Laboratório de Arqueologia

Atualmente, é corrente a utilização dessas antigas habitações como depósitos ou paióis para o acondicionamento de ferramentas e rações para os animais. Os herdeiros das propriedades constroem novas habitações nas imediações, uma vez que as técnicas de restauro são dispendiosas. Essa situação é perceptível em ambas as microrregiões do Vale do Taquari. A utilização para esse fim não se restringe aos porões onde são acondicionados objetos de uso pouco frequente. Nos porões das casas da região da Serra Geral, caracterizada por maior declive do terreno, verifica-se o aproveitamento dessa repartição como estábulo. É prudente alertar, contudo, que os fatores aqui citados se restringem especificamente aos trabalhos de campo realizados efetivamente e não pretende ser taxativo quanto às especificidades das microrregiões.

FIGURAS 5, 6 e 7 – Utilização como depósito – novas habitações construídas nas imediações – o uso como estábulo



Fonte: Laboratório de Arqueologia

A preocupação aqui não é abranger todos os aspectos que compõem a arquitetura das casas pesquisadas, contudo, mencionar as mais perceptíveis aos olhos de um observador leigo, permitindo identificar traços culturais específicos. O telhado é mais um desses componentes do conjunto a chamar atenção da grande maioria dos observadores. Na maioria das casas abordadas nos trabalhos em campo verificou-se o uso de zinco nas coberturas, especialmente na região de colonização alemã. O uso desse material na cobertura, aliás, apresenta-se como fator determinante na diferenciação das casas em estilo enxaimel na região do Vale do Taquari em relação às casas que recebem igual denominação no continente europeu. Vários foram os fatores a determinar essa hibridização do estilo arquitetônico no Brasil. Para Weimer (2000), a substituição do telhado de madeira pelo zinco e pelas telhas de barro são determinações do clima que não permitem maior durabilidade das coberturas que caracterizam o estilo enxaimel genuíno, a madeira.

FIGURAS 8 e 9 – Telhado de zinco: característica da hibridização do estilo enxaimel no Vale do Taquari



Fonte: Laboratório de Arqueologia.

SALÕES DE BAILE, CASAS COMERCIAIS E MOINHOS

As casas comerciais, os salões de baile e os moinhos são pontos estratégicos em cada comunidade. Nessas estruturas, além dos aspectos arquitetônicos já mencionados na presente produção, é freqüente o descarte de material que ao longo do tempo deixou de ser utilizado, tais como resto de mercadoria e louças quebradas. Esses pontos estratégicos ocorrem nas comunidades tanto da região de Planície quanto da Serra Geral. Na região da Planície do Vale do Taquari, entre as estruturas que foram objeto do presente trabalho constam os salões Gräbin e Fesnterseifer nas regiões de Linha Júlio de Castilhos e Fazenda Lohmann, em Roca Sales, além de outro salão também de nome Gräbin na região de Linha 31 de Outubro, no município de Colinas. Na região da Serra Geral, o presente trabalho focalizou o Restaurante Radaelli, em Doutor Ricardo, a casa da família Peruchini que funcionou durante algum tempo como Estação Rodoviária e casa comercial, no mesmo município. Ainda em Doutor Ricardo, foram alvos deste trabalho o Moinho Alba e a casa da família Faccini. Esses dois últimos situam-se às margens da RST 332, na Localidade de Linha Bonita.

Os salões Gräbin, para fins didáticos, foram catalogados sob a denominação Salão Gräbin)para a estrutura de Linha 31 de Outubro – Colinas - RS(e Salão Gräbin II)para o salão de Linha Júlio de Castilhos – Roca Sales - RS(. O salão Gräbin de Linha 31 de Outubro foi construído na década de 1940, quando as terras dessa propriedade pertenciam a Gräbin. Durante muito tempo foi ponto de realização de eventos sociais, como bailes. Funcionou ainda como casa comercial.

FIGURA 10 – Salão Gräbin em Linha 31 de Outubro – Colinas - RS



Fonte: Laboratório de Arqueologia

Por sua vez o salão homônimo de Linha Júlio de Castilhos foi construído em meados do século XX e apresenta material construtivo semelhante. Seu primeiro proprietário, Leopoldo Gäbin, é irmão do proprietário do outro Salão aqui mencionado. Atualmente o salão serve de moradia para duas famílias dos herdeiros.

O salão Fesnterseifer, localizado na localidade de Fazenda Lohmann, teve uso semelhante aos demais. Entre as suas particularidades, contudo, constam o grande número de restos de mercadorias no sótão e de documentos, como livros de registros de mercadorias. Esse salão era um ponto estratégico na localidade, uma vez que seu fundador, Arnaldo Fesnterseifer, administrava uma espécie de banco privado recolhendo depósitos e emprestando valores aos seus clientes. A placa de fundação, em 1924, ainda está na fachada.

No que se refere às estruturas arquitetônicas que abrigaram instituições ou repartições que foram referência regional na região mais alta do Vale do Taquari, consta, entre outras, a sede do Moinho Alba na localidade de linha Bonita, no município de Doutor Ricardo. As informações históricas em fonte documental ainda não foram apuradas. As imagens e a análise em loco feita dão conta de que o prédio fora construído especificamente para esse fim. O prédio, de fundamentos em tijolos e paredes de madeira, ainda abriga as máquinas utilizadas no processo de moagem. Os atuais proprietários adquiriram-no na

década de 1980 e deixaram o ofício para se dedicarem a outras atividades. O prédio, no entanto, é parcialmente utilizado como paiol, sendo a parte correspondente ao porão usada como estábulo.

Na mesma localidade, outro ponto de referência para o cotidiano no passado é a Casa Faccini. Essa estrutura, igualmente erigida em madeira sobre fundamentos de alvenaria, possui dois pisos, tendo o piso superior sido utilizado como moradia. O primeiro piso abrigava uma loja, na qual a comunidade encontrava o que de imediato necessitava para a vida cotidiana. Atualmente também funciona como uma espécie de depósito, residindo herdeiros e mesmo o seu proprietário, João Celeste Faccini, que a mandou construir na década de 1950, em casas construídas a posteriori, nas redondezas.

Outra construção datada da década de 1920 e com grande influência sobre o cotidiano da comunidade do atual centro do município de Doutor Ricardo é o Hotel Radaelli. Construído pela família Matiello e em funcionamento desde a sua fundação, o estabelecimento teve vários proprietários. Têm como material predominante na construção a madeira. O hotel mantém características de sua construção original. A mudança que mais impactou foi a substituição do telhado original pelo atual convencionalmente conhecido como Brasilit. A atual proprietária é Amélia Radaelli. Os Radaelli foram os proprietários do estabelecimento em data anterior. Entre as duas oportunidades em que a casa passou aos Radaelli, foram proprietária outras famílias que dirigiram o estabelecimento. Entre essas famílias constam: Demichei e Giacobbo.

Ainda na região central do município de Doutor Ricardo, às margens da RST 332, localiza-se a casa Peruchini. Seu construtor fora Paulo Sbaraini em data impossível de precisar a partir do que fora coletado até o momento. A casa, contudo, tem características arquitetônicas peculiares. Entre as mais perceptíveis verifica-se a construção em parede dupla em madeira erigida sobre sólido fundamento em pedra. Além de outrora funcionar como casa comercial, fora estação rodoviária de onde partiam ônibus para quase todas as regiões do Vale do Taquari.

FIGURA 11 – Casa Peruchini: anúncio dando conta dos horários dos ônibus.



Fonte: Arquivo da família

Os detalhes decorativos em lambrequin da construção original, assim como outros detalhes do telhado, foram bastante alterados. Atualmente as paredes assim como o telhado estão bastante deterioradas em virtude da ação do tempo. A família Peruchini, atual proprietária, aguarda incentivo do poder público para o restauro. Os proprietários aventam a possibilidade de demolição uma vez que consideram a estrutura de pouca utilidade.

Imagens de outras estruturas fotografadas durante os procedimentos de campo

FIGURAS 12 e 13 – Casa da família Peruchini às margens da RST 332 em Doutor Ricardo/RS. Apesar de algumas modificações, a casa ainda mantém algumas características originais



Fonte: Laboratório de Arqueologia

FIGURAS 14, 15 e 16 – Hotel Radaelli, construção da década de 1920, sempre funcionou como hotel, embora várias famílias tenham passado pela administração do estabelecimento. Atualmente consta na fachada "Hotel Demichei," o que comprova esse revezamento administrativo



Fonte: Laboratório de Arqueologia

FIGURAS 17, 18 e 19 – Moinho Alba em Linha Bonita Alta no Município de Doutor Ricardo. Apesar da imprecisão na data da construção, consta que sempre fora utilizado para esse fim. Na data da realização do trabalho de campo estava desativado



Fonte: Laboratório de Arqueologia

FIGURAS 20 e 21 – Salão Ferstenseifer, construção de 1924 em Fazenda Lohmann – Roca Sales/RS



FIGURAS 22 e 23 – Casa de moradia em Linha Roncador – Colinas/RS. Data da construção: 1927. O primeiro proprietário fora Alberto Gewehr. Na seqüência a propriedade pertencera a Alberto Scheunemann. Os documentos dessa transação estão com o senhor Herbert Bergesch, autor de dois livros de memória que abordam parte da história da região. A data da transação (nos documentos) é 12 de agosto de 1930 e o registro data de 1931. As pinturas, e os escritos nas paredes datam de 1936, e foram grafados por Herbert Rudolf Eduard Rohde, que na época veio da Alemanha



Fonte: Laboratório de Arqueologia

FIGURAS 24 e 25 – Antiga casa de moradia na localidade de Costão – Estrela/RS



Fonte: Laboratório de Arqueologia

PALAVRAS FINAIS...

Explorar o Patrimônio Cultural sob o prisma da educação em tempos de paradigmas educacionais transdisciplinares se torna imperativo. Mesmo restringindo as possibilidades ao componente curricular "História", não se pode

prescindir de fontes de informação alternativas como forma de potencializar o entendimento dos acontecimentos regionais em relação com outros de impactos mais abrangentes.

No Vale do Taquari, especificamente, a pesquisa referenciada na presente produção abrange as diferentes microrregiões, permitindo inferências a respeito da forma particular com que cada grupo fez uso dos recursos naturais e como aconteceu a adaptação material, à medida que tais recursos escasseavam. Essa situação é visível nas estruturas arquitetônicas, cuja matéria-prima foi gradativamente substituída. Um exemplo disso são os telhados do estilo enxaimel, que passam da sua versão europeia em madeira para zinco ou telhas de barro no Rio Grande do Sul, e das casas da região de colonização italiana, cujas paredes também passaram da madeira à alvenaria pelo mesmo motivo. Essas são apenas algumas inferências a partir da materialidade específica de cada região, materialidade essa considerada documento arqueológico.

Durante muito tempo a supremacia do documento escrito unilateralizou as abordagens historiográficas, privilegiando os grupos sociais capazes de produzir as informações crivadas de meandros ideológicos, cuja finalidade primeira é perpetuar a ordem social conforme conviesse à classe dominante. Num processo bem conduzido de Educação Patrimonial esse tipo de risco diminui pela pluralidade de interpretações possíveis a cada agente observador.

Lançar mão das informações originárias do Patrimônio Cultural na educação é, de certa forma, estabelecer a conexão que falta no contexto do Vale do Taquari entre a consciência da preservação, incipiente em algumas comunidades, e as verdadeiras justificativas históricas desse ato. O sucesso almejado nesse empreendimento terá seus méritos, na mesma medida em que os atores envolvidos forem capazes de problematizarem adequadamente, conforme sugere Grunberg ao referir uma visita a um dos lugares de guarda e estudo do Patrimônio:

A visita que foi utilizada como motivação permitirá um desenvolvimento do aprendizado muito mais rico e proveitoso. Quem morou naquela casa, como viviam as pessoas, em que época, o que comiam, como trabalhavam e brincavam, como praticavam esportes e se divertiam, quais eram, como se curavam as doenças, de que tipo, em que acreditavam, como pensavam, de que gostavam? Como eram os ricos, que relação tinham com os pobres, existiam diferenças ou eram todos iguais? (GRUNBERG apud HORTA, 1999, p.108)

O trânsito entre o abstrato da informação e o concreto da materialidade patrimonial pode facilitar as associações que todo o educador almeja, pois "ao desenvolver este trabalho, possibilita-se aos alunos aprender sobre o passado, conhecê-lo e dar-lhe valor. Referenciá-lo com o presente permitirá à criança a

comparação e o desenvolvimento do seu espírito crítico, fator essencial na formação do futuro cidadão". (GRUNBERG, 1999).

Explorar educacionalmente o patrimônio é "um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo" (HORTA, 1999). essa perspectiva as pesquisas no Vale do Taquari estão em processo de significação através do trabalho gradativo desempenhado junto às escolas o que tende a gerar laços cada vez mais autênticos do ponto de vista da pluralidade de interpretações sobre as sociedades em questão.

REFERÊNCIAS:

AHLERT, Lucildo e GEDOZ, Sirlei Teresinha. Povoamento de desenvolvimento econômico na região do vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930. In: **Estudo & Debate**. Ano 8, n.1, 2001. Lajeado: Univates, 2001.

BARRETO, Margarida. **Turismo e legado cultural: possibilidades do planejamento**. Campinas: Papirus, 2000.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

EIFLER, Ellen Walkiria, **Bom Retiro do Sul: história... sua vida**. Porto Alegre: FEPLAN, 1992.

FOGOLARI, Everson Paulo, Conhecimento Científico e Patrimônio Cultural. In: FUNARI, Pedro Paulo e FOGOLARI, Everson Paulo, (orgs). **Estudos de Arqueologia Histórica**. Erechin RS: [S.N], 2005.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

HORTA, Maria de L. P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

RODRIGUES, Marly. De quem é o patrimônio? Um olhar sobre a prática preservacionista em São Paulo. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 195-203, Rio de Janeiro, 1996.

SILVA, Thiago Pereira da. **Reflexões sobre os primórdios do turismo em Ouro Preto**. Disponível em: <www.ouropreto.com.br/acidade/patrimonio/index.asp#> Acesso em: 27 mar. 2006.

ORSER JR., Charles E. **Introdução à arqueologia histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

VARELA, Daniela, **Turismo e Cultura**: ciências da identidade humana. Disponível em: <www.ouropreto.com.br/acidade/patrimonio/index.asp#> Acesso em: 27 mar. 2006).

WEIMER, Günter. A origem da Arquitetura do Vale do Taquari. In: SIMPÓSIOS RAÍZES DO VALE. O resgate de raízes históricas e culturais do Vale do Taquari., 1. e 2., **Anais...** Lajeado: [S.N], 2000.